

Castello de Stirling

Se com a imaginação preocupada pelas deliciosas descrições, saídas da penna de Walter-Scott, se penetrar nos pittorescos arredores da Escossia, se no centro d'aquellas cidades de uma magestade selvagem e triste, semeadas aqui e acolá entre os lagos e as montanhas, d'esses castellos levantados sobre os mais escarpados rochedos e flanqueados por gothicos torreões, se fór procurar algumas recordações das guerras dos Highlanders ou dos Covenantaires, sobretudo não se esqueça o peregrino ou viajante de visitar a antiga residencia dos monarchas da Caledonia e de subir até á torre mais elevada. Poucos pontos de vista poderão rivalisar com o que se descobre e gosa d'aquella eminencia: vê-se d'um lado a *Theith* e a *Forth*, que correm com grande impetuosidade, e sobre esta ultima, uma audaciosa ponte une dois rios afastados, que desaparecem em seguida e deixam á *Forth* toda a immensidade e grandeza do oceano. É ali que o barco do pescador dos *Hebrides* ou dos *Shetlands* vae procurar abrigo contra a tempestade, hospede habitual d'aquellas paragens. Do seio das ondas, d'um verde-azulado, levanta-se, como por encanto, uma pequena ilha, que não é outra coisa mais que um rochedo, onde se edificou a magnifica residencia *Craigforth*, cujo ponto de vista é, sem duvida, menos extenso, mas que tem o seu encanto e originalidade. Mais além, apercebe-se o *Allan*, pequeno rio, que as baladas escossezas tornaram celebre, e que parece perder-se no meio das maravilhas que a mão dos homens operou, a despeito do solo arido e dos lamaças que o cercam. De outro lado descobre-se *Stirling* com as suas ruas, com os seus palacios arruinados, as suas cabanas cobertas de folhas e de ramos de giestas, tudo isto agrupado em volta de uma igreja de estylo gothico. Por

detraz da cidade eleva-se um amphitheatro de montanhas, as ultimas das quaes estão sempre coroadas de neve em todas as estações, e se confundem com as nuvens transparentes, que pairam sobre ellas.

Era ali, onde se contemplavam os ricos effeitos d'um logar encantador, que outr'ora os reis da Escossia passavam os bellos dias do seu poderio.

*Stirling* partilhou com *Dumferline* e *Linlithgow*, a honra de ser o logar da residencia, uma parte do anno, dos soberanos escossezes, isto durante o periodo que decorreu entre as conquistas dos normandos e a volta de *Jacques I* do seu captiveiro.

Num outro artigo daremos algumas noticias dos mais notaveis acontecimentos, que em tempos remotos tiveram logar em *Stirling*.

### O PRINCIPE EUGENIO DE BEAUHARNAIS

e as Memorias que lhe são relativas.

... ab auditione mala non timebit.

Ps. CXI 7.

#### III

No artigo antecedente começámos a apontar as impressões que Eugénio de Beauharnais conservava da expedição do Egypto. Deixámo-l' o chegado ás praias d'aquelle paiz, desempenhando a arriscada incumbencia de transmittir as ordens de General em Chefe aos differentes navios, no acto do desembarque, e quando o mar estava embravecido.

Apontarêmos agora, em continuação, as recordações de Eugénio, e as particularidades que mais de perto lhe dizem respeito, ou mais viva-



mente o impressionáram durante a memorável campanha do Egypto, tão abundante em episódios, tão romantica — no seu género — se tal epíteto pôde quadrar a scenas de guerra.

E a este ultimo propósito, e de passagem diremos que o projecto da famosa expedição do Egypto teve o que quer que fôsse de aventuroso, e como que de inspirações de phantasia um tanto ousada. Bonaparte imaginou que era fácil regenerar o Oriente, e constituir ali um poderoso Imperio. A imaginação fogosa do grande génio não chegava a menos do que a destruir os estabelecimentos inglezes na India, expulsar depois de Constantinópla os Turcos — arremessando-os para a Asia por meio de uma sublevação immensa das populações gregas e christãs, e cair depois sobre a Europa. (1) D'este modo a expedição do Egypto, ou antes, a occupação d'aquelle paiz nada mais era do que um prólogo, um *modesto preliminar*.

Os acontecimentos zombáram do arrôjo temerário das concepções do grande génio; de sorte que, nem o *modesto preliminar* dos vastissimos planos pôde realisar-se, como é bem sabido!

Assim mesmo, grandes cousas se fizeram no Egypto durante a expedição franceza, ou seja em pontos de guerra, ou de administração, ou de serviços prestados ás letras e ás sciencias. E d'aquí resulta que serão sempre curiosas as recordações relativas áquelle grandioso acontecimento, e que essa mesma curiosidade nos é inspirada pelo que nos conta o Principe Eugénio. — Prosigamos, pois.

No dia 3 (julho de 1798) avizinham-se de Alexandria, e o General em Chefe deu immediatamente o assalto, que foi mortífero. Os Generaes Kléber e Manou foram dos primeiros feridos. Tendo-se os habitantes de Alexandria reunido á guarnição Turca, fizeram uma resistencia vigorosa, principalmente no interior da Cidade, onde aliás os Francezes não tardáram em entrar. Eugénio ia um pouco adiante do General Bonaparte, quando das janellas de uma casa fizeram um fogo de fusilaria, tão bem sustentado, que indicava estar ali uma força grande. Eugénio fez arrombar a porta, subio ao andar superior, e ficou maravilhado de ver que apenas havia ali um velho, rodeado de meia duzia de espingardas, que a mulher e os filhos carregavam com uma presteza rara.

Passados alguns dias, deixáram Alexandria, e seguiram em direitura do Cairo. Esta marcha foi ao principio muito penosa, porque expoz o exército a fadigas e privações inteiramente desconhecidas. De dia caminhavam sob um sol ardentissimo, e por cima de arêia que abrasava, sem encontrarem o menor abrigo nem agoa para matar a sede: as cisternas estavam, ás vezes, a dez e doze léguas de distancia — umas das outras, e quando as tropas lá chegavam, já as achavam de todo esgotadas pelas columnas da vanguarda. Só quem experimentou soffrimentos e privações taes, diz Eugénio, pôde fazer idéia cabal da felicidade que sentimos e da alegria que todo o exército manifestou quando chegámos ás bordas do Nilo!

Em Ramanieh encontráram pela primeira vez os Mamelucos. D'ali até ás Pyramides houve ape-

nas um recontro de alguma consideração — foi o de Chébréis; mas n'esta segunda parte da marcha soffreu o exército o cruel martirio da fome. Muitas vezes lhes succedeu deitarem-se em cima de montes de trigo... mas não tinham pão, nem farinha!

A vinte de Julho chegaram á aldêia de Embabeh, onde Mourad-Bey se tinha entrincheirado, comquanto não tivesse senão cavalleria. No dia seguinte foi pelejada a famosa e immortal batalha *das Pyramides*. O General Bonaparte, na occasião em que pôz as tropas em movimento, proferio uma d'essas allocuções curtas e enérgicas, tão apropriadas para inflamar os animos e influir coragem. — Recordo-me, diz Eugénio, de lhe ter ouvido aquellas palavras memoraveis, apontando para as Pyramides: *Soldados! Reparáe que do cimo d'aquelles monumentos quarenta séculos vos contemplam!*

Esta batalha foi de muito perigo para os Ajudantes de Campo. E com effeito, cada uma das Divisões Francezas formava um quadrado; mas, como essas massas estavam postadas a distancia de um tiro de peça — umas das outras, succedia que a cavalleria inimiga occupava quasi sempre os intervallos; de sorte que era de summa difficuldade levar as ordens do General, porque havia risco, ou de ser acutilado pelos Mamelucos, ou de ser ferido pelas balas dos Francezes.

No Cáiro começou o General Bonaparte a ter grandes motivos de desgosto. Por um lado, lavrava grande descontentamento em uma parte do exército; por outro lado recebia Bonaparte noticias de Franca, que muito o inquietavam, havendo quem diligenciasse perturbar a sua felicidade doméstica.

Ouçamos a este ultimo respeito o que refere Eugénio:

— «Comquanto eu fôsse ainda muito moço, inspirava já tamanha confiança a Bonaparte, que não hesitava elle em dar-me conhecimento dos seus desgostos. Era de ordinário á noute que me expunha os seus queixúmes, e me fazia as suas confidencias, passeando a largos passos pela tenda de campanha. E na verdade, era eu a unica pessoa, com quem elle podia desaffogar! Eu diligenciava adocar os seus ressentimentos; consolava-o do melhor modo que podia, e tanto, quanto era compativel com a minha idade, e com o respeito que lhe consagrava.»

Eugénio declára que refere esta circumstancia, como explicação das palavras muito lisongeiras, que mais tarde o Imperador Napoleão inserio na mensagem, pela qual annunciava ao Senado a elevação de seu Filho adoptivo á dignidade de Principe do Império. (2)

Tendo alguns officiaes francezes sido apunhalados nas rúas do Cairo, houve desconfiança de que alguns Mamelucos estivessem escondidos na cidade. N'este presuppôsto, a casa de Mourad-Bey devia ser a mais suspeita; e por esse motivo foi Eugénio encarregado pelo General em Chefe de ir dizer á mulher do referido Mourad-Bey, que a sua casa e bens seriam respeitadas, e que ella podiar confiar na protecção dos Francezes, uma vez que se abstinisse de manter a menor intelligencia com o inimigo, e promettêsse não dar asilo aos mal-intencionados. Aquella senhora re-

(1) Lanfrey, *Hist de Nap.* 1.<sup>et</sup>

(2) Mais tarde registarêmos a inditada — mensagem. —



cebeu Eugénio com a maior distincção, servindo-lhe ella própria o café; fez os maiores protestos de lealdade; e para o convencer de que não occultava em sua casa pessoa alguma suspeita, quiz absolutamente que elle fôsse em sua companhia dar uma busca a todos os aposentos. Ao réz do chão atravessáram vastas câmaras, onde havia innúmeros montes de coxins e almofadas; e Eugénio confessa que por mais de uma vez teve susto de que de uma d'aquellas pilhas se erguesse algum Mamelúco, dos muito habéis em decepar cabéças. No primeiro andar do edificio estavam as mulhéres do *harem* de Mourad-Bey, as quaes, ao vérem um ente — para ellas tão estranho, déram mostras de um grande espanto, e, o que é mais, de uma curiosidade extravagante, que tornou indispensavel a intervenção dos eunúcos.

Refére tambem Eugénio, que um dia viéram dizer a Bonaparte, que a pequena distancia do Quartel General se ouvirám gritos, que saíam de um *harem*, onde os soldados francezes haviam penetrado: e na verdade, já a esse tempo um grande número de habitantes se tinham reunido ao pé da casa, e vociferávam indignados contra um attentado e profanação, que os orientaes têm na conta de execrandos. Eugénio foi mandado, com outros officiaes, para providenciar sobre o caso: effectivamente muitos soldados de Regimentos diversos tinham devassado o *harem*, e estavam commettendo excessos brutaes; de sorte que foi necessário arrancar das espadas, e expulsar á fôrça a soldadesca desenfreada.

Eugénio desejava ardentemente distinguir-se por algum feito brilhante. Nas occasiões de perigo, quando o General em Chefe chamava um Ajudante de Ordens para ir ao *Deserto*, afim de fazer o reconhecimento de algum trôço de Arabes, ou de Mamelúcos, era sempre Eugénio o primeiro que se offerecia. Bonaparte tomou nota d'isto, e n'uma occasião em que Eugénio se deu pressa em offerecer-se, regeitou o offercimento, e disse-lhe com seriedade: *Mancebo! sapei que n'este nosso officio não convém correr ao encontro do perigo; deve cada um limitar-se a cumprir o seu dever, e cumpril-o bem, succeda o que succeder!*

Boa lição para a mocidade fogosa, que muitas vezes se expõe a perigos que a prudencia manda evitar, — quando aliás é necessário reservar a coragem para as occasiões em que o dever bráda muito alto.

A boa intelligencia em que o General Bonaparte vivia com Eugénio estêve a ponto de se alterar, e por motivos mui sérios e de grave melindre. O General Bonaparte comecou a tratar com distincção a senhora de um official francez, e por vezes passeava com ella em carruagem. Os encantos e a vivacidade d'esta senhora déram occasião a dizêr-se que era amante do General! — o que realmente tornava melindrosa a posição de Eugénio, por quanto, na qualidade de Ajudante de Campo, tinha que acompanhar o marido de sua mãe. Eugénio, summamente sensível em pontos de pundonor e de honra, foi ter com Berthier, e lhe pediu licença para ir fazer serviço em um regimento: seguiu-se a este passo uma scena tempestuosa entre Eugénio e Bonaparte; mas por fim o General pôz termo aos pas-

seios com aquella senhora, e conservou consigo Eugénio, tratando-o do mesmo modo que d'antes.

Oh! quantos desacertos não seriam evitados no mundo, se em volta dos poderosos houvesse sempre quem lhes fallasse a verdade, e oppozesse uma resistencia digna e nobre ás suas velleidades!

— No artigo seguinte acompanharemos o Principe Eugenio na sua marcha pelo Deserto até ás margens do Mar Vermelho.

JOSE SILVESTRE RIBEIRO.

## ASHAWERUS

(Continuado de pag. 236)

O espirito, que até então se arreceiava do presente e não sabia consultar o futuro, sentiu-se aliigeirado reclinando-se nos braços da Providencia, e resolvia o problema da vida, pelo que havia de succeder-se á morte.

O tumulto não era já um sarcophago, mas sim o adito da outra vida.

D'este movimento geral, impresso pelo christianismo na sociedade antiga, proveio o rejuvenescimento da tradição religiosa no animo d'aquelles que não ousavam abraçar a doutrina christã.

A boa nova espalhou-se por toda a parte e com ella a unidade de Deus.

Jupiter foi outra vez adorado e Apollo voltou a ser apenas mediador entre os homens e o rei do Olympo.

Mas o que podia offerter esta religião decrepita e egoista, ao povo que gemia e soffria na escravidão?

Os plebeus e libertos, menos contaminados dos vicios, careciam da idéa da divindade, que os acalentava e lhes dava força e animo, para resistirem aos espinhos da vida.

Os escravos, victimas das torpezas e da licença dos ricos, olhavam com terror para os grilhões, que lhes arroxavam os pulsos.

O christianismo era para os desherdados e naufragos no mar tormentoso de sevicias e soffrimentos, ancora de salvação, iris de bonança.

O christianismo dizia-lhes que todas as dores, que curtissem na terra, lhes seriam contadas no ceu, e que, eguaes perante Deus, os homens alcançariam a bemaventurança segundo os seus méritos e virtudes. Oppressores e opprimidos, algozes e victimas, todos dariam contas ao supremo arbitro das acções humanas.

Que supremo allivio o do christianismo para aquelles desherdados, que morriam victimas já da anarchia e do despotismo dos imperadores, já da licença dos soldados, já da intemperança dos exactores, já dos flagellos da natureza e das invasões dos barbaros, que tudo talavam e devastavam, como mensageiros do demonio!

E os milhares de apóstolos, juntando o exemplo ao preceito, consolavam os afflictos, applicavam dores, soccorriam os doentes, com todos repartiam o amor divino sem quererem outra recompensa, que não fosse a conversão das almas.

Como, pois, havia de o gentilismo resistir á acção do christianismo, cujas armas eram o amor universal, a abnegação, a humildade, a consolação dos que soffrem, o ensinamento pratico de todas as virtudes?



## II

Não foi só a sociedade, no seu modo de ser externo, que soffreu total mudança com a intervenção do christianismo. A philosophia, que na Grecia havia florescido e chegado ao fastigio do esplendor e da grandeza no periodo aureo do hellenismo ia tambem modificar-se.

A philosophia ecletica da Alexandria debalde proclamava Aristoteles como legislador das sciencias, que só conseguira, no dominio especulativo, crear arguciosos discursadores, que proferiam palavras occas e vasia.

A theologia, assentando no dogma e na consolação divina o principio da auctoridade, collocava a rasão humana no altar, e elevava-lhe um edificio grandioso.

Concordar a philosophia com a religião dogmatica, fundada pela cathechese dos apóstolos, de sorte que ambas caminhassem a par e se ajudassem mutuamente, tal era o proposito dos santos padres, cujo ecletismo, longe de se confundir com o dos neo-platonicos, e de combinar os diversos systemas philosophicas, tratava de os subordinar á fé.

Este racionalismo christão gerou a nova philosophia, cujos principaes esteios e propugnadores foram Deniz o Arcopagita, Taciano, Origenes, Justino, Clemente de Alexandria, Eusebio, Tertulliano, Laetancio, João Chrisosthomo, Jeronymo, Gregorio Nazianzeno, Basilio, Agostinho, etc.

Regeitando todos os systemas philosophicos, já pela moral corrupta, que ensinavam, já por lancarem o germen de devida nos problemas fundamentaes, os santos padres pendiam naturalmente para Platão, que na phrase de S. Justino foi uma antecipaçoão ou preparaçoão do christianismo. (1)

A philosophia christã seguia o platonismo na essencia, com quanto na controversia empregasse a logica de Aristoteles.

Platão é de feito, de todos os philosophos antigos, o que melhor definiu e comprehendeu a idéa da divindade, admittindo a revelação superior e portanto o dogma incondicional e absoluto, como fundamento da religião, porquanto, *segundo a tradição antiga, Deus encerra em si o principio, o fim, e o meio de todas as coisas e opera sempre o bem conforme a sua natureza.*

Mas a philosophia christã apartou-se logo do platonismo, e S. Agostinho, esse grande luminar da egreja, arrependeu-se de ter louvado a Platão. (2)

O racionalismo espiritualista é a feição principal da primitiva philosophia christã.

A unidade substancial de Deus que é o fundamento de todas as theogonias primordiaes, e que na escriptura é traduzida pe a formula reveladora: *ego sum qui sum*, alrange toda a creação.

Dahi a negação do pantheismo, e esta a grande e immediata differença entre a religião christã e todas as outras religiões. Por isso que Deus é um, simples e indivisivel, não póde fraccio-

(1) Vide os precedentes artigos sobre o *mor platonico*.

(2) Na *Retractação* diz: *Laus quoque ista qua Platonem, vel platonicos, vel academicos philosophos tantum extuli quantum impios homines non oportuit, non immerito mihi displicuit.*

nar-se a divindade e espalhar-se em emanacões pelos corpos, os quaes sendo fórmulas ephemerias, falliveis e transitorias, dariam identicas propriedades ás parcellas divinas, que os animam.

A eternidade da materia ao lado da eternidade de Deus, conforme queriam os dualistas, que ainda hoje prégam essa doutrina, é um absurdo segundo a philosophia christã.

Dois seres eternos e necessarios não pódem co-existir, e porque a materia não contém em si mesma a rasão da propria existencia, segue-se que foi creada por Deus, cuja existencia fica tambem demonstrada indirectamente.

Assente o principio da creação, a philosophia christã acceitou a doutrina da encarnação, consignado nas religiões orientaes, e em virtude da qual todos os seres vem de Deus e voltam para Deus.

Separado o mundo de Deus, por vontade divina, nasceu o peccado e a culpa. Para que o mundo pudesse erguer-se outra vez até Deus, estava nos seus designios humanar-se e sacrificar-se. D'este sacrificio só se aproveitam os christãos, por arbitrio livre e pela virtude individual.

Tal é a lei amoravel, que dá a salvaçoão aos homens, pelo sacrificio do proprio Deus.

Estes são os fundamentos da philosophia do christianismo, toda de austeridade e dogmatica nos seus principios, como se observa em todas as religiões.

Quando a experiencia e o raciocinio são impossiveis, o homem só póde seguir dois caminhos: o scepticismo fatalista ou a fé absoluta.

Não ha theogonia sem dogma, não ha religião sem fé.

Por isso os fundadores da philosophia religiosa trataram principalmente de remontar aos fundamentos do dogma e discriminaram o limite, que separa a rasão da auctoridade.

Vê-se quanto esta philosophia é diversa dos systemas apregoados pelos maiores genios da Grecia.

Estes imaginaram na propria natureza a rasão eficiente, causa necessaria da sua existencia.

Os santos padres, pelo contrario, partem da causal considerada como necessaria pela impossibilidade philosophica do dualismo, e chegam á creação por uma deducção logica e immediata.

Emquanto uns acceitam a emanacão divina adorada ainda hoje nos mysterios indicos, e o pantheismo materialista; outros vêem no proprio facto da creação a lei amoravel, que nunca se quebra nem interrompe.

A creação é a separação entre Deus e o mundo, em todas as theogonias, mas na theologia christã ha a encarnação e a redempção por acto voluntario de Deus.

É assim que os homens saídos de Deus voltam outra vez para Deus.

(Continua)

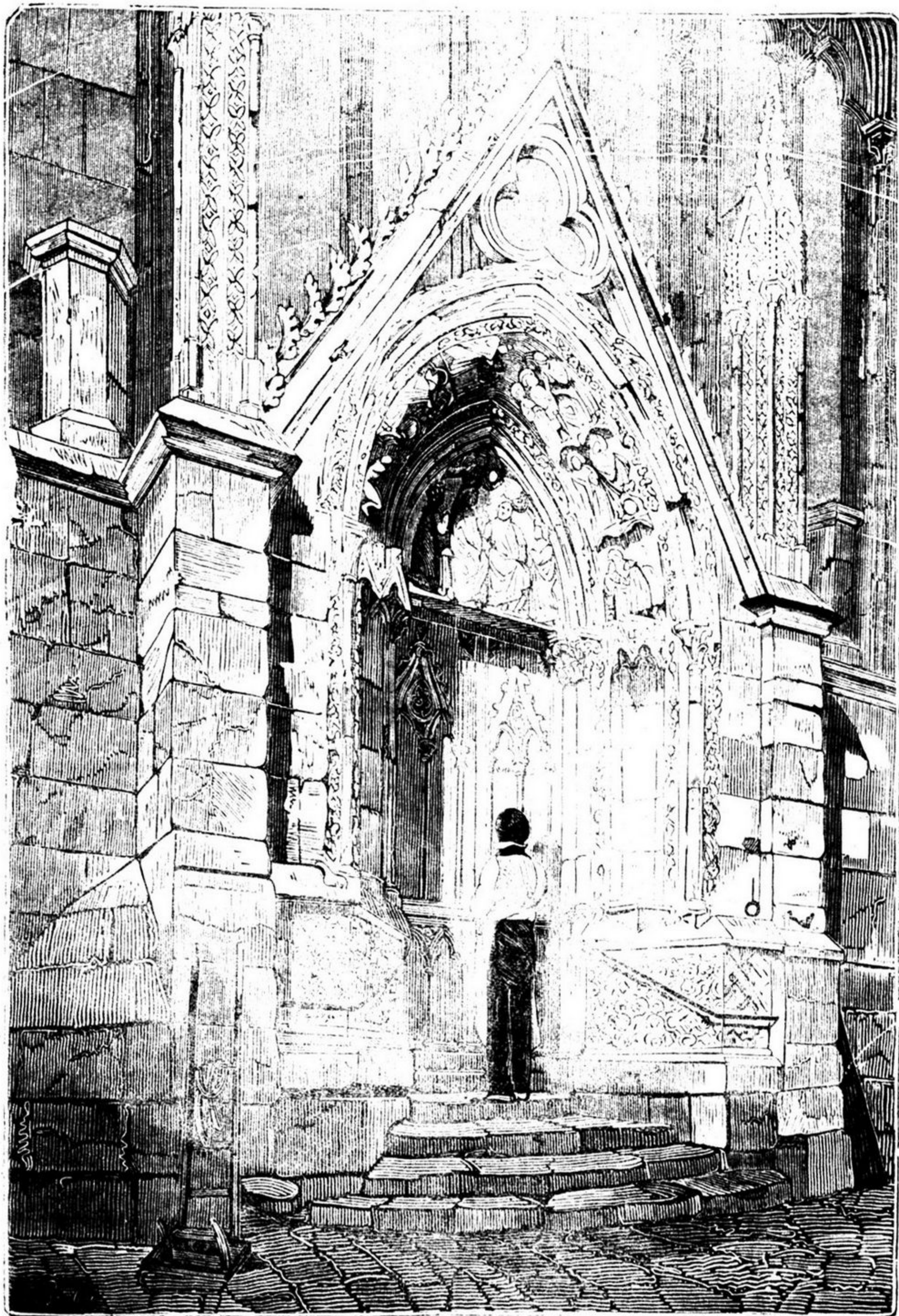
A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

### PORTA VERMELHA DE NOTRE-DAME

A presente gravura representa a *porta vermelha de Notre-Dame*. Já no n.º 29 d'este semanario demos detalhes circumstanciados a respeito d'este bello monumento, e agora pouco mais podemos acrescentar.

Quando começou a reedificação de Notre Dame, cujas obras foram por vezes interrompidas, n'uma





Porta vermelha de Notre-Dame



das occasiões em que a interrupção se prolongou por mais tempo, e em que o vandalismo affrontou aquelles logares sagrados, as pessoas piedosas, que se interessavam por ver terminar a impiedade do populacho e por ver concluir aquelle templo, exclamou: «Saibamos esperar e esqueçamos as injurias que teem feito á casa de Deus...» E effectivamente as obras de Notre-Dame proseguiram depois, e ha muito que o templo está aberto aos fieis, que ali vão dirigir ao Altissimo as suas fervorosas preces.

## A SCIENCIA DA LINGUAGEM

### I

(Continuado de pag. 244)

A grammatica de Diniz foi completada pelos seus successores gregos e latinos; mas o fundo conservou-se o mesmo durante a idade media e nos tempos modernos: os dois imperios de Roma e de Constantinopla não só não accrescentaram quasi nada á obra dos antigos grammaticos, mas, o que é mais notavel, a scolastica da idade media que se devia interessar tanto pela conservação da pureza da lingua latina e pelo desenvolvimento do seu estudo scientifico, não fez adiantar um só passo á sciencia da linguagem. Prolongou se por mais de dez seculos o contacto dos missionarios e pregadores da fé christã com tantos povos estrangeiros, fallando idiomas tão diversos entre si, sem que nenhum d'elles pensasse que as velhas grammaticas latinas não representavam a grammatica em geral e não eram mais do que rudimentos infantis. A lingua da igreja era a unica considerada digna d'este nome; o proprio grego tinha o defeito de ser a lingua dos schismaticos, e o hebraico tinha apenas o merecimento de ser a lingua das Escripturas, e de se crer que a ensinára Deus a Adão. O concurso duradoiro de taes circumstancias fez com que se não visse nos idiomas estrangeiros ou modernos outra coisa mais, do que produções barbaras ou simples instrumentos necessarios para a propagação da fé. Emquanto ao ensino dos seculares, note-se primeiro, que antes da Reforma na Allemanha e da Revolução em França; era professado pelos padres e pelos frades; e em segundo lugar que elle versava só sobre as linguas antigas, o grego e o latim, e que as velhas grammaticas eram sufficientes para isso. Quando lançamos hoje os olhos para o passado, vemos uma serie ininterrupta de grammaticas copiadas todas umas das outras, mesmo as melhores, serie que começa no principio do nosso seculo, e de anno em anno chega até Diniz o Thracio, abraçando um periodo de dois mil annos. É o periodo empirico, em que as formas das palavras estão classificadas por uma ordem commoda para o ensino, mas sem nenhuma explicação scientifica.

Emquanto os povos greco-latinos construíam e transmittiam uns aos outros o systema grammatical um pouco artificial que ainda se ensina nas escolas, os indios formavam o seu em condições analogas, e obtinham resultados semelhantes. Foi pouco depois do periodo do Veda, cujo centro se pôde fixar no decimo sexto seculo A. C., que os indios principiaram a estudar a sua lingua. Possuimos d'esse tempo algumas obras de

grande valor, que contém, sem grande ordem, profundas observações feitas pelos brahmanes e adoptadas pelos sabios modernos. A partir d'este momento, os indios não interromperam por um só instante estes estudos, porque elles tinham por objecto não só conservar intactos os textos dos hymnos, que são os monumentos sagrados do brahmanismo, e perpetuar-lhes a intelligencia, mas tambem apurar a lingua commum, eliminar-lhe as formas inuteis ou desnaturadas pelo uso popular, em uma palavra, constituir esta lingua sabia e correcta, que recebeu então o nome de lingua sanscrita, quer dizer, perfeita. Como o sanscrito procede directamente do idioma dos Vedas, que é uma especie de sanscrito antigo, os estudos grammaticos feitos em lingua vedica serviram de base aos grammaticos dos tempos posteriores. A sciencia dos primeiros foi-se alargando e completando pelo exame das formas de palavras empregadas nas poesias classicas. Chegou um dia em que este exame estava completo, e não tinha deixado fóra do circulo grammatical uma só forma irregular que não tivesse sido interpretada e trazida á regularidade. Alguns seculos A. C. já estava terminado este immenso trabalho dos brahmanes, na occasião em que na Grecia apenas se principiava a pensar em grammatica. Colligiram-n'o então n'um livro de uma erudição pasmosa. Transmittido de seculo em seculo, ha dois mil annos, com abundantes commentarios, este livro que nós possuimos é a grammatica de Panini. Póde-se dizer que ella representa a sciencia empirica no seu maior desenvolvimento, que não ha em nação alguma antiga ou moderna outra obra que possa rivalisar no mesmo genero com a do sabio indio, finalmente, que a grammatica de Panini é a perfeição do genero. Apesar d'isto, Muller tem rasão quando diz que sobre a natureza, origem e leis naturaes da formação da linguagem, este livro não nos ensina absolutamente nada.

Se nós reunissemos em um só livro os processos empregados por todos os povos para trabalhar os metaes e todas as substancias mineraes ou vegetaes que elles empregam nas suas industrias, possuiriamos uma especie de encyclopedia das artes uteis, mas nem por isso teriamos a minima idéa de chimica, nem julgariamos que podesse existir uma sciencia com este nome.

A sciencia da linguagem nasceu na Europa e é completamente moderna. A idéa de que é possível applicar a este estudo os methodos scientificos data de 160 annos, aproximadamente, e pertence a Leibnitz, ou, pelo menos, é n'uma carta de Leibnitz ao czar Pedro o Grande, que ella apparece pela primeira vez na historia. O grande philosopho de Leipsig, cujo espirito curioso e fecundo se occupou de tantos assumptos, e soube transformar ou crear tantas sciencias, rompeu abertamente com a rotina empirica, e propoz a formação de dictionarios de um grande numero de linguas, para que se podessem confrontar umas com as outras palavra por palavra, analysar as expressões, classificá-las, e por este meio conhecer-lhe com certeza as origens, assim como as das nações que as empregavam. Leibnitz abrangia com o mesmo pensamento duas sciencias que ainda não existiam, e que tem adquirido nos nossos dias uma grande importan-



cia, a philologia e a ethnographia. Não reconheço a necessidade de dar as honras d'uma ou da outra, como quer Max Muller, ao christianismo, e datar a sciencia da linguagem do dia de Pentecostes, por causa das linguas de fogo que se viram por sobre a cabeça dos apóstolos. O distincto professor que publicou o Veda com um commentario, e que pôde conhecer melhor do que ninguém a theoria do fogo sagrado, deve saber o que eram aquellas linguas. A idéa d'uma origem commum dos homens não é mais christã do que grega, judia ou bouddhica e não é d'ella que nasceu a philologia comparada. Esta teve a mesma origem de todas as sciencias modernas; foi creada pelo espirito scientifico do nosso tempo, que nada tem de commum com a fé. Se esta necessidade de analysar e classificar tudo, de não caminhar senão com methodo, afim de poder attingir com segurança a solução dos ultimos problemas, não tivesse animado as gerações modernas, nem as sciencias das linguas nem as outras sciencias de observação teriam nascido, e os missionarios, de cento e cincoenta annos para cá, não teriam contribuido mais para a renovação dos estudos linguisticos, do que tinham feito antes. Mas deve-se dizer, em abono da verdade, que animados, elles, tambem, pelo espirito do tempo, tem contribuido para o progresso da sciencia, recolhendo, bem ou mal, em paizes longinquos, materiaes de que se tem sabido aproveitar os sabios europeus.

O pensamento de Leibnitz não caio em terra esteril. Durante todo o 18.<sup>o</sup> seculo, juntaram-se factos e tentaram-se soluções; mas reinava ainda por esse tempo uma idéa judia, expressa no primeiro capitulo do Genesis, e tomada desgraçadamente ao pé da lettra por muitos christãos. A Biblia diz que Deus ensinou a Adão os nomes das coisas, e, em consequencia d'isto, como estes nomes são hebraicos, considerava-se o hebreu como a lingua primordial, d'onde deviam ter saído todas as outras. Se se tivesse visto este ponto com mais attenção, ter-se-hia notado que este Deus passeava no jardim de delicias á hora do meio dia, quando corre uma leve brisa, como um principe arya de Babylonia no seu *paraizo*: tel-o-hião visto arrependendo-se, vingando-se, descaçando, ignorando as orgias de Sodoma, e descendo para examinar o motim que ali se fazia; ter-se-hia comprehendido que o livro mosaico, não podendo ser tomado ao pé da lettra, devia deixar aos eruditos uma perfeita liberdade de espirito em assumptos de linguistica. Seja o que fór, o problema foi mal formulado, e os partidarios do hebraico causaram um atraso de muitos annos na marcha da sciencia. Entretanto ella progredia de dois modos, e o trabalho de analyse que estavam fazendo era util para o estudo das linguas, que effectivamente estão ligadas ao hebraico. Desde o meiado do seculo passado, reconheceu-se a familia das linguas semiticas; o erro commettido provinha não do methodo, mas sim da doutrina exclusiva, em cujo estabelecimento elle era empregado. Por outro lado os philosophos tentavam a resolução dos grandes problemas. Condillac occupava-se da natureza e da origem da linguagem nas suas relações com as idéas; a escola escoceza apresentava tambem soluções, segundo o seu systema; toda a escola de Voltaire andava preocupada com a questão. Era chega-

da a occasião de se operar uma revolução radical no estudo das linguas. Os caminhos estavam abertos diante d'ella, e promptos a recebel a. O descobrimento do sanscrito fez essa revolução.

(Continua)

## ITALIA — CHARACTER DOS SEUS HABITANTES

(Continuado de pag. 238)

Passaremos agora a fallar sobre a influencia que o clima exerce nos povos, cuja lingua, costumes e instituições, provam a preponderancia da antiga dominação romana, e de que a revolução franceza rompeu a continuidade depois que a reforma religiosa tentou em vão d'ali attingir.

Sob um clima onde a natureza produz espontaneamente o que n'outros pontos se cultiva com um cuidado infinito, ali, onde apenas ha necessidade de pouco alimento, pouco fado e o indispensavel conforto domestico e quasi nada de lenha para se aquecer, o homem pôde ser pobre sem ser infeliz.

O homem come pouco, por conseguinte as fadigas causadas pelo calor fazem que prefiram o goso limitado d'aquillo que o rodeia, á actividade inquieta da fabricação para a troca com os paizes longinquos, sobretudo quando os lucros da troca se tornam ainda incertos pelos riscos do commercio. Ama o goso, comtanto que lhe não custe longos e penosos preparativos; priva-se facilmente de muitas cousas, mas não quer ser incomodado todos os dias. Finalmente, faz uso d'uma grande industria afim de viver agradavelmente com o menor cuidado possivel; possui toda a habilidade para ser rico, mas nenhuma para conservar a riqueza.

Se o genovez é uma excepção do que acabamos de dizer, é precisamente porque o seu territorio é arido e esteril. Se o lombardo percorre o mundo com a sua pacotilha, é porque elle nas montanhas não pôde viver sem um capital ganho n'outra parte. Tambem o gallego, por motivos analogos, é obrigado a sair da Gallisa, e a procurar fóra os recursos que não tem na sua terra. Veneza nas suas lagunas, Pisa nas suas lagóas, a antiga Roma, mesmo, no angulo mais desfavorecido pela natureza, tem sido obrigados á actividade pela dura necessidade; mas desde o momento que se tornam ricos cáem logo na inacção e na ociosidade.

Na idade media as manufacturas que se faziam nas cidades de Italia limitavam-se aos objectos de luxo, ou ao menos aos objectos manufacturados sem fadiga. E com effeito, nos paizes quentes ha duas qualidades de mão d'obra; uma, excellente e barata, que pôde ser feita á sombra e sem suor; a outra, imperfeita, mal executada, quando não é vigiada, e cara, e feita com fadiga. Dá isto um resultado singular, que tem sido despresado pelos auctores que tem escripto sobre a economia politica. Em Italia, como em Hespanha, as despesas da agricultura estão na rasão inversa dos preços das rendas, emquanto que em França e no norte são em rasão directa do mesmo preço.

A vida do campo priva, por outro lado, o italiano da primeira e da melhor das escolas; da frequencia da sala, casa commum onde se reúne toda a familia, onde no norte são muitas vezes representados os tres poderes do Estado por tres



gerações que vivem juntas, onde se aprende a obedecer antes de mandar, onde se aprende a soffrer, pelo bem de todos, e tambem a trabalhar para o bem geral. Não se presta attenção á influencia reciproca que prende os costumes á architectura. Se o bom gosto suspirou em Franca por causa das innovações introduzidas nos estylos das construcções, a moral, muitas vezes, só teve que applaudir. Ha uma tendencia visivel para substituir a architectura do norte pela do meio dia, isto é, a sala pela cosinha.

O desenvolvimento do individualismo é visivel em todo o meio dia; cresce á cada grão de latitude. O italiano, analysado separadamente, apresenta talvez o individuo o mais perfeito que existe na Europa; mas o seu trabalho, o seu talento, o seu modo de ser, tudo isto fica isolado, enquanto que o inglez é sobretudo respeitavel como fracção d'um todo. Mesmo em musica, o italiano é mais *limpo* no solo, que no còro e na orchestra. Falta, pois, ás nações romanas, de que nos occupamos, a grande alavanca dos tempos antigos, isto é, um poder paternal quasi absoluto, uma disciplina de ferro e um agente poderoso para operar sobre a imaginação; alavanca necessaria para populações que pensam muitas vezes com o coração e sentem com a cabeça.

Sejamos justos, a maior prova do excellente fundo e vivacidade d'aquelles povos, é a que podemos encontrar em detalhe na maior parte d'aquellas infelizes nações. Tudo parece conspirar para os opprimir, para os envilecer, até á recordação de uma antiga grandeza. Esta recordação opera sobre as nações exactamente como o opio, ora como excitante, ora como narcotico, segundo é administrado. Portanto a sua seiva fermenta sempre. Dae-lhes uma experiencia em harmonia com as suas necessidades, e elles serão dignos dos seus antepassados e dos seus contemporaneos. As boas qualidades são-lhes inherentes; os seus defeitos, os seus infortunios são devidos a causas e circumstancias diversas.

O povo italiano é essencialmente folgasão, e dado á folia no campo, é o que mostra a gravura, publicada no n.º 29 d'este semanario, acompanhada com o começo d'este artigo, que é extrahido d'uma antiga publicação franceza, muito anterior aos acontecimentos de que a Italia recentemente foi theatro, acontecimentos de que os nossos leitores tem de certo conhecimento, tanto das causas como dos fins.

## FLORILEGIO CLASSICO

### Narrações historicas

(A INFANTERIA PORTUGUEZA NA BATALHA DAS NAVAS DE TOLOSA)

= Tropas numerosas vindas de Portugal figuraram, porém, naquella celebre batalha, e o modo como ellas ali se houveram é uma particularidade que interessa a gloria nacional, e que ao mesmo tempo é indicio do progresso que tinham feito as forças internas do nosso paiz. Bate mais rapido o coração verdadeiramente portuguez quando vê, no meio da narrativa de um acontecimento, em que os guerreiros christãos praticaram todo genero de gentilezas, não se esquecerem os escriptores contemporaneos, e estranhos a nós, de mencionar, não as façanhas dos

illustres cavalleiros de Portugal, dessa nobresa activa, cuja occupação unica era a guerra, mas dos villões condemnados pelo seu humilde destino á obscuridade. Lá, entre a innumeravel multidão de homens d'armas cubertos de ferro e montados em possantes cavallos, entre o confuso esvoacar dos pendões e estandartes, ao lado dos macissos de lanças pulidas, que brilhavam como um pinhal, cujo cimo orvalhado se agitassè com o vento dos primeiros raios do sol, a numerosa, mas pobre e grosseira, infantaria portugueza soube distinguir-se por extremos de soffrimento e de actividade no mais duro e pesado serviço do exercito, e no valor impetuoso com que se arrojava ao combate, como se o dar e receber a morte fosse o deleite de um banquete. E de que gente se compunha esta infantaria energica e valente, que gerava assombro n'um dos individuos mais eminentes daquella epocha, Rodrigo de Toledo, o qual foi testemunha da sua promptidão e esforço? Dos homens desses Concelhos começados a organizar no berço da monarchia, e que Sancho I espalhára com mão profusa por todos os angulos do reino. Era o povo que surgia forte e activo; porque a vida municipal despertára nelle o sentimento da liberdade e a idéa de patria; por que o chefe da monarchia os elevára a seus proprios olhos, dando os primeiros passos para essa mutua alliança de seculos contra o orgulho e desenfreamento brutal das classes privilegiadas, convertendo-os de homens de criação ou malados, quasi servos dos senhores de terras, em subditos livres do rei; porque, finalmente, as suas cartas de garantia constitucional, chamadas foraes, eram verdadeiros contractos, onde ao lado de cada dever que se impunha aos burguezes, se lhes consignava um direito. O modo como a peonagem portugueza se houve na batalha das Navas não é, porém, a unica prova da importancia e desenvolvimento que ia adquirindo a classe popular já no seculo XIII: outras virão confirmar isto mesmo no processo da nossa narrativa. =

(*Historia de Portugal*, pelo sr. A. Herculano. Tomo 2.º, livro 4.º, pag. 156 e 157.)

## DANSA MACABRA

Por averiguações feitas, parece que o uso de pintar nas paredes dos claustros e das egrejas uma infinidade de imagens da morte, arrastava, dansando, personagens de todas as condições, que existiam antes do seculo XIV. Segundo uns, a idéa d'estas pinturas foi suggerida por mascaradas; segundo outros, pela grande devastação que occasionou, por diversas vezes, a peste que desolou a Europa. Seja, como fôr, não ha duvida que o atterrador espectáculo da mortalidade que apresentou constantemente a idade media, deveu ser directamente ou indirectamente a origem d'estas dansas, e pouco importa saber se começou pela pantomima ou pela pintura. Segundo Fabricius, estas representações tomaram o nome de *dansa macabra*, do poeta Macaber, que foi o primeiro que tratou d'este assumpto nos seus versos allemães, traduzidos em latim, por P. Desroy, de Troyes, em 1460.